

JACQUES LACAN  
L'INSU-QUE-SAIT DE L'UNE-BÉVUE S' AILE A MOURRRE  
SEMINÁRIO DE 11 DE JANEIRO DE 1977  
EFEITOS DE SIGNIFICANTES  
Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller

O que é que regula o contágio de certas fórmulas? Não acho que seja a convicção com a qual as pronunciamos, porque não se pode dizer que esteja aí o suporte com o qual propaguei meu ensino. Cabe a Jacques-Alain Miller testemunhar a esse respeito - considera ele que o que tagarelei no curso desses vinte e cinco anos de seminário traz esta marca?

Esforcei-me para dizer a verdade. Mas, parece, não a disse com total convicção. Estava bastante tocado para ser conveniente.

Dizer a verdade sobre o quê? Sobre o saber. É disso que acreditei poder fundar a psicanálise, já que, afinal de contas, tudo que disse se sustenta. Dizer a verdade sobre o saber, não era necessariamente supor o saber ao psicanalista, termos com os quais defini a transferência, o que não quer dizer que não seja ilusão. Ocorre que, como disse em minha "Radiofonia", o saber e a verdade não tem nenhuma relação entre si.

Jamais me releio sem um pouco de surpresa. Jamais imagino que seja eu quem pude dizer isso e sou certamente muito fraco na forma de receber a carga do que eu mesmo escrevi. Não que isso me pareça sempre a coisa mais sem inspiração, mas está sempre um pouco atrasada e é isso que me surpreende.

Há algum tempo, convocado a algo que não era nada menos do que o que tentamos fazer em Vincennes, sob o nome de "Clínica psicanalítica", fiz notar que o saber em questão não era nem mais nem menos que o inconsciente. Era muito difícil saber bem a idéia que Freud tinha disso. Mas o que ele diz disso impõe, me pareceu, que seja um saber.

Tentemos definir o que isso pode nos dizer. Trata-se, no saber, do que podemos chamar efeito de significante.

Ora, tenho aí um truque que, devo dizer, me aterrorizou, publicado numa coleção que se intitula "a Filosofia com efeito".

A filosofia com efeito, com efeito de significante, é justamente isto a respeito de que me esforço para me livrar. Não acredito fazer filosofia, mas sempre se faz mais do que se acredita. Nada mais escorregadio do que esse domínio. Vocês também fazem isso, algumas vezes, e não é certamente o que vocês têm mais de que se regozijar.

I

Freud não tinha senão poucas idéias do que era o inconsciente, mas me parece que, ao lê-lo, pode-se deduzir que ele pensava que era efeitos de significante.

O homem - é bem preciso nomear assim uma certa generalidade, da qual não se pode dizer que alguns emergem, Freud não tinha nada de transcendente, era um médico que fazia o que podia para o que se chama curar, o que não é muito - o homem, enfim, não sabe quase nada disso, desse negócio de saber. Isso lhe é imposto pelos efeitos de significante, e ele não está contente, ele não sabe "fazer com" o saber. É sua debilidade mental, da qual não me excludo - porque tenho a ver com o mesmo material que todo mundo, este material que nos habita.

Com esse material não se sabe haver-se. É a mesma coisa que este "fazer com" de que falava há pouco, mas não pode se dizer, este "haver-se" em todas as línguas. Saber haver-se é outra coisa que saber fazer - quer dizer "se desvencilhar", mas sem tomar a coisa como conceito.

Isso nos leva a empurrar a porta de certa filosofia. Não é preciso empurrar esta porta muito rápido, porque é preciso ficar no nível em que coloquei os discursos, "o dizer que socorre" - aproveitamos o que nos oferece de equívoco a língua que falamos.

Quem é que socorre? É o dizer ou o dito? Na hipótese analítica é o dizer, quer dizer, a enunciação, a enunciação do que há pouco chamei de a verdade. Desses dizer-socorros, distingui deles, grosso modo, quatro, com os quais me diverti em fazer girar uma seqüência. Nessa seqüência, a verdade - a verdade do dizer - não estava senão implicada.

Talvez vocês se lembrem, isso se apresentava assim:  $S_1 \rightarrow S_2$   
 $\frac{\quad}{S} \quad \frac{\quad}{a}$

era O discurso do mestre, é o discurso menos verdadeiro, quer dizer, o mais impossível. Esse discurso é mentiroso e é precisamente nisso que atinge o real. Freud chamava isso *Verdrängung*. E no entanto, é bem um dito quem o socorre.

Tudo o que se diz é uma escroqueria. Não é somente o que se diz a partir do inconsciente. O que se diz a partir do inconsciente participa do equívoco, que é o princípio do chiste - equivalência do som e do sentido. Eis aí em nome do que acreditei poder avançar, que o inconsciente estava estruturado *como* uma linguagem.

Sugiro a vocês ver de perto um pequeno artigo de alguém por quem tenho muita estima, Jean-Claude Milner, e que se chama "Reflexões sobre a referência" publicado no n° 30 da revista "*Langue française*". Ele trata da anáfora, e se apercebe, a propósito disso, do papel da gramática. Na frase "Eu vi dez leões e tu viste quinze deles", *deles*, diz ele, não visa os leões, visa os dez. Para dizer a verdade, preferiria que ele não dissesse "tu viste quinze", mas "tu viste mais deles", porque esses quinze ele não os contou, o "tu" em questão. Pelo contrário, na frase "Eu capturei dez dos leões e tu capturaste quinze deles", a referência não é mais aos dez, mas aos leões.

Ora, não se trata disso no inconsciente. Na estrutura do inconsciente é preciso eliminar a gramática. Não a lógica, mas a gramática. No francês há muita gramática. No alemão, mais ainda. No inglês há uma outra, mas de algum modo implícita e é preciso que a gramática esteja implícita para ter seu justo peso.

Por isso convido vocês a ir ver algo que é de um tempo em que o francês não tinha tal carga de gramática e que se chama "les Bigarrures du Seigneur des accords". Ele viveu com certeza no fim do século dezesseis e parece ter jogado o tempo todo com o inconsciente, o que é inclusive curioso, dado que ele não tinha nenhum tipo de idéia disso, bem menos ainda que Freud.

Como chegar a dizer deste tipo de delicadeza que é, em suma, o uso e como precisar a forma como, nesta delicadeza, se específica, o inconsciente, que é sempre individual?

Uma coisa que impressiona é que não há três dimensões na linguagem. A linguagem é sempre plana, e foi bem por isso que introduzi o meu nó a três, que é uma cadeia, e que é surpreendente que ela possa ser plana.

Para o que é do real se quer identificá-lo à matéria (*la matière*) - eu proporia escrevê-lo "a alma-a-três", (*l'ame-à-tiers*) homogêneo aos dois outros. Um tal Sanders Peirce ficou surpreso pelo fato de que a linguagem não exprime, propriamente falando, a relação, que ela não permite uma notação do tipo xRy, que seria preciso para isso uma lógica ternária e não binária. É bem isso o que me autoriza a falar de "a alma-a-três" como o que necessita um certo tipo de relação lógica.

## II

Volto a esta "Filosofia com efeito", para dizer o que me surpreendeu um pouco no que caminha do que inaugurei através de meu discurso.

Trata-se de um livro, de um tal Nicolas Abraham e de uma tal Maria Torok, que se chama "*Cryptonymie*", o que indica quanto é preciso o equívoco, a saber, que o nome está aí escondido e ainda "o Palavreado do homem dos lobos".

Há talvez alguns que aqui estejam que assistiram às minhas elucubrações sobre o homem dos lobos, a propósito do que falei da forclusão do Nome-do-Pai.

Este "Palavreado", acredito reconhecer aí o impulso do que desde sempre articulei, a saber, que o significante, é disso que se trata no inconsciente. O inconsciente, é que em suma se fala - na medida em que há o falaser - completamente só. Fala-se completamente só porque não se diz jamais senão uma só e mesma coisa - salvo se nos abrimos a dialogar com um psicanalista. Não há meio de fazer de outra forma senão recebendo de um psicanalista o que desarma sua defesa. Lucubra-se sobre as pretensas resistências do paciente, quando a resistência, disse, toma seu ponto de partida no próprio analista. A boa vontade do analisante jamais encontra nada pior que a resistência do analista.

A psicanálise não é uma ciência. Não tem estatuto de ciência, não pode senão aguardá-lo, esperá-lo. É um delírio - um delírio do qual se aguarda que traga uma ciência. Podemos esperar muito tempo! Não há progresso, e o que se espera não é necessariamente o que se recolhe.

É um delírio científico, mas isso não quer dizer que jamais a prática analítica trará uma ciência. Esta ciência tem tanto menos chances de amadurecer quanto é antinômica e que, pelo uso que fazemos dela, sabemos que há relações entre a ciência e a lógica.

Tem uma coisa que me surpreende ainda mais que a difusão, a qual se sabe que se faz, do que se chama meu ensino ou minhas idéias, nesta coisa que caminha sob o nome de Instituto de Psicanálise, e que é o outro extremo dos agrupamentos analíticos. O que me surpreende ainda mais, é que (...) o tal Jacques Derrida tenha feito para esse "Palavreado" um prefácio efervescente, entusiasta (...). Não acho, devo dizê-lo, apesar de que encaminhei as coisas nesta direção, que este livro nem que este prefácio sejam de muito bom tom. No gênero delírio é um extremo. Estou impressionado com isso, por me sentir mais ou menos responsável por ter aberto as comportas.

Poderia também fechá-la. Poderia também reservar completamente só para mim a satisfação de jogar com o inconsciente sem explicar sua farsa, sem dizer que é por esse truque dos efeitos de significante que se opera. Em suma, se não houvessem verdadeiramente me forçado, jamais teria feito ensino. Ao ler o que Jacques-Alain Miller publicou sobre a cisão de 53, não se pode dizer que seja com entusiasmo que tomei o regaste deste assunto do inconsciente.

Diria mesmo mais - não gosto igualmente da segunda tópica, aquela em que Freud se deixou arrastar por Groddeck. Não se sabe o que havia na cabeça desse Groddeck quando sustentava o isso. Em seu "Livro do Isso", diz que é o que há de vivo em vocês. Ele tinha idéia do isso como de uma unidade global do que há de vivo em vocês, enquanto é bem evidente que o isso dialoga. É o que designei pelo nome de A.

É que há alguma outra coisa, que há pouco chamei a alma-a-três, que não é apenas o real, mas alguma coisa com a qual não temos relação. Com a linguagem nós perseguimos aos gritos esta coisa. E o que quer dizer  $S(\mathbb{A})$ , é que isso não responde.

É nisso que falamos completamente só, até que saia o que se chama um eu, o que nada garante que não possa, propriamente falando, delirar.

Foi por isso que apontei que, como Freud aliás, não havia que olhar de tão perto para o que é da psicanálise. Entre loucura e debilidade mental, não temos senão a escolha.

Tradução de Jairo Gerbase; 21/01/98.

Revisão de Jairo Gerbase; 26/06/99.